



Colégio Nunes Moraes

Dedicação e Compromisso

ATIVIDADE DE REVISÃO DE LÍNGUA PORTUGUESA UECE

PROFESSOR (A)

TURMA

DATA

ALINE MICHELE

3ª SÉRIE EM

23.11.20

NOME DO ALUNO (A)

Texto

“A maior alegria do brasileiro é hospedar alguém, mesmo um desconhecido que lhe peça pouso, numa noite de chuva.”

(Cassiano Ricardo, in O Homem Cordial)

01 Segundo as idéias contidas no texto, o brasileiro:

- a) põe a hospitalidade acima da prudência.
- b) hospeda qualquer um, mas somente em noites chuvosas.
- c) dá preferência a hospedar pessoas desconhecidas.
- d) não tem outra alegria senão a de hospedar pessoas, conhecidas ou não.
- e) não é prudente, por aceitar hóspedes no período da noite.

02. A palavra mesmo pode ser trocada no texto, sem alteração de sentido, por:

- a) certamente
- b) até
- c) talvez
- d) como
- e) não

03. A expressão “A maior alegria do brasileiro” pode ser entendida como:

- a) uma personificação
- b) uma ironia
- c) uma metáfora
- d) uma hipérbole
- e) uma catacrese

04. O trecho que poderia dar seqüência lógica e coesa ao texto é:

- a) Não obstante isso, ele é uma pessoa gentil.
- b) Dessa forma, qualquer um que o procurar será atendido.
- c) A solidariedade, pois, ainda precisa ser conquistada.
- d) E o brasileiro ganhou fama de intolerante.
- e) Por conseguinte, se chover, ele dará hospedagem aos desconhecidos.

texto III

Dorme, ruazinha...

É tudo escuro...

E os meus passos, quem é que pode ouvi-los?

Dorme o teu sono sossegado e puro,

Com teus lampiões, com teus jardins tranquilos.

Dorme...

Não há ladrões, eu te asseguro...

Nem guardas para acaso persegui-los...

Na noite alta, como sobre um muro,

As estrelinhas cantam como grilos...

O vento está dormindo na calçada,

O vento enovelou-se como um cão...

Dorme, ruazinha...

Não há nada...

Só os meus passos...

Mas tão leves são

Que até parecem, pela madrugada,

Os da minha futura assombração...

05. O eu lírico pede à rua que não se importune com seus passos quase inaudíveis. A construção da “atmosfera de silêncio” faz-se a partir do tom de sussurro presente no texto I,

a) reforçado pelo uso dos sons fechados /i/e/u nas rimas dos quartetos.

b) criado pelo emprego reiterado dos sons surdos /s/, como em “sono sossegado”.

c) ampliado pelo uso das reticências que, mais do que uma função de pausa na leitura, auxilia no alcance e uma modulação leve e insinuante de suas ideias.

d) sugerindo pelo uso de termos como “escuro”, “sono sossegado”, “lampiões”, “tranquilos”, “madrugadas”, que configuram um clima de paz e tranquilidade.

e) sustentado pela metáfora presente em “O vento enovelou-se com um cão...” (verso 10)

Texto para a questão 18

Vestindo água, só saído o cimo do pescoço, o burrinho

tinha de se enqueixar para o alto, a salvar também de

fora o focinho. Uma peitada. Outro tacar de patas. Chu-

áa! Chu-áa... — ruge o rio, como chuva deitada no chão.

Nenhuma pressa! Outra remada, vagarosa. No fim de

tudo, tem o pátio, com os cochos, muito milho, na

Fazenda; e depois o pasto: sombra, capim e sossego...

Nenhuma pressa. Aqui, por ora, este poço doido, que

barulha como um fogo, e faz medo, não é novo: tudo é

ruim e uma só coisa, no caminho: como os homens e os

seus modos, costumeira confusão. É só fechar os olhos.

Como sempre. Outra passada, na massa fria. E ir sem

afã, à voga surda, amigo da água, bem com o escuro,

filho do fundo, poupando forças para o fim. Nada mais,

nada de graça; nem um arranco, fora de hora. Assim.

João Guimarães Rosa. O burrinho pedrês, Sagarana.

06. Como exemplos da expressividade sonora presente neste excerto, podemos citar a onomatopéia, em “Chu-

áa! Chu-áa...”, e a fusão de onomatopéia com aliteração, em (2 esc)

- a) “vestindo água”.
- b) “ruge o rio”.
- c) “poço doido”.
- d) “filho do fundo”.
- e) “fora de hora”.

Texto para a próxima questão

Pela manhã Madalena trabalhava no escritório, mas à tarde saía a passear, percorria as casas dos moradores. Garotos empalamados e beijudos agarravam-se à saia dela.

Foi à escola, criticou o método de ensino do Padilha e entrou a amolar-me reclamando um globo, mapas, outros arreios que não menciono porque não quero tomar o incômodo de examinar ali o arquivo. Um dia, distraidamente, ordenei a encomenda. Quando a fatura chegou, tremi. Um buraco: seis contos de réis. Calculem. Contive-me porque tinha feito tenção de evitar dissidências com minha mulher e porque imaginei mostrar aquelas complicações ao governador quando ele aparecesse aqui. Em todo o caso era despesa supérflua.

Graciliano Ramos, São Bernardo

Pela manhã Madalena trabalhava no escritório, mas à tarde saía a passear ...

07. Uma nova redação para a frase acima, que comece com “À tarde Madalena saía a passear, ” e não prejudique nem o sentido original nem a correção, deverá ter a seguinte continuidade: (2 esc)

- a) se bem que pela manhã tinha trabalhado no escritório.
- b) porém pela manhã trabalhou no escritório.
- c) todavia pela manhã iria trabalhar no escritório.
- d) embora pela manhã trabalhasse no escritório.
- e) quando pela manhã costumava trabalhar no escritório.

Texto para as questões 20 e 21

Assim se explicam a minha estada debaixo da janela de Capitu e a passagem de um cavaleiro, um dandy, como então dizíamos. Montava um belo cavalo alazão, firme na sela, rédea na mão esquerda, a direita à cinta, botas de verniz, figura e postura esbeltas: a cara não me era desconhecida. Tinham passado outros, e ainda outros viriam atrás; todos iam às suas namoradas. Era uso do tempo namorar a cavalo. Relê Alencar: “Porque um estudante (dizia um dos seus personagens de teatro de 1858) não pode estar sem estas duas coisas, um cavalo e uma namorada”. Relê Álvares de Azevedo. Uma das suas poesias é destinada a contar (1851) que residia em Catumbi, e, para ver a namorada no Catete, alugara um cavalo por três mil-réis...

Machado de Assis. Dom Casmurro.

As formas verbais “Tinham passado” (linha 6) e “viriam” (linha 7) traduzem ideia, respectivamente, de anterioridade e de posterioridade em relação ao fato expresso pela palavra (2 esc)

- a) “explicam”.

- b) “estada”.
- c) “passagem”.
- d) “dizíamos”.

08. Com a frase “como então dizíamos” (linha 3), o narrador tem por objetivo, principalmente, (2 esc)

- a) comentar um uso linguístico de época anterior ao presente da narração.
- b) criticar o uso de um estrangeirismo que caíra em desuso.
- c) marcar o uso da primeira pessoa do plural.
- d) registrar a passagem do cavaleiro diante da janela de Capitu.

Texto para as questões de 9 E 10

Eu amo a rua. Esse sentimento de natureza toda íntima não vos seria revelado por mim se não julgasse, e razões não tivesse para julgar, que este amor assim absoluto e assim exagerado é partilhado por todos vós. Nós somos irmãos, nós nos sentimos parecidos e iguais; nas cidades, nas aldeias, nos povoados, não porque soframos, com a dor e os desprazeres, a lei e a polícia, mas porque nos une, nivela e agremia o amor da rua. É este mesmo o sentimento imperturbável e indissolúvel, o único que, como a própria vida, resiste às idades e às épocas. Tudo se transforma, tudo varia – o amor, o ódio, o egoísmo. Hoje é mais amargo o riso, mais dolorosa a ironia. Os séculos passam, deslizam, levando as coisas fúteis e os acontecimentos notáveis. Só persiste e fica, legado das gerações cada vez maior, o amor da rua.

(João do Rio. A alma encantadora das ruas.)

9– Em “nas cidades, nas aldeias, nos povoados”, “hoje é mais amargo o riso, mais dolorosa a ironia” e “levando as coisas fúteis e os acontecimentos notáveis”, ocorrem, respectivamente, os seguintes recursos expressivos:

- a) eufemismo, antítese, metonímia.
- b) hipérbole, gradação, eufemismo.
- c) metáfora, hipérbole, inversão.
- d) gradação, inversão, antítese.

10 – No texto, observa-se que o narrador se

- a) equipara ao leitor, por meio de sentimentos diversos como o amor, o ódio e o egoísmo.
- b) distancia do leitor, porque o amor à rua, assim como o ódio e o egoísmo, é passageiro.
- c) identifica com o leitor, por meio de um sentimento perene, que é o amor à rua.
- d) aproxima do leitor, por meio de sentimentos duradouros como o amor à rua e o ódio à polícia.

Texto para a questão 11

Nem luxo, nem lixo

Como vai você?

Assim como eu

Uma pessoa comum

Um filho de Deus

Nessa canoa furada

Remando contra a maré
Não acredito em nada
Até duvido da fé

Não quero luxo, nem lixo
Meu sonho é ser imortal
Meu amor!
Não quero luxo, nem lixo
Quero saúde pra gozar no final

LEE, Rita Lee; CARVALHO, Roberto de. *Nem luxo, nem lixo*. In: LEE, Rita. *Rita Lee*. [LP]. Brasil: Som Livre, 1980.

11. A ideia central, defendida pelo eu lírico, na letra da canção de Rita Lee e Roberto de Carvalho está mais bem explicada em: (1 esc)

- a) liberdade só é possível com fé.
- b) a imortalidade depende do sonho.
- c) os bens materiais se justificam pela imortalidade.
- d) o bem-estar é o principal valor da vida.

Texto para as questões 12 a 17

A moça em prantos

1. O poeta encontrou uma pedra no meio do caminho, nunca esqueceu dessa pedra, que lhe deu assunto para o seu poema mais conhecido. Não sendo poeta, encontrei não uma, mas infinitas pedras no meio do caminho, e não só no meio, mas no início e no fim de cada caminho. Não me renderam um único poema, nem mesmo uma modesta crônica.

2. Mas jamais esqueci a primeira moça que vi chorando. Eu devia ter seis ou sete anos, achava que só as crianças podiam e deviam chorar, tinham motivos bastante para isso, desde as fraldas molhadas nos primeiros meses de existência até a inexpugnável barreira dos “não pode”, que emparedam a infância e criam neuras para o resto da vida.

3. Um adulto chorando era incompreensível para mim, um acontecimento pasmoso, uma aberração da natureza, pois os adultos podiam tudo e tudo lhes é permitido. E a moça era um adulto, ao menos para mim, embora ela fosse realmente moça, aí pelos 15 anos ou pouco mais.

4. E chorava. Não abrindo o berreiro como as crianças, mas dolorosamente, e na certa misturando motivos.

05. Mesmo assim fiquei imaginando a causa do seu pranto. Faltara à escola e por isso ficara sem sobremesa? Fora proibida de brincar na calçada? Queria ganhar uma bicicleta e fora convencida a continuar com o insípido velocípede?

6. Vi muita gente chorando depois, homens feitos, mulheres maduras. Eu mesmo, quando levo meus trancos, repito o menino que ia para debaixo da mesa de jantar para poder chorar sem passar recibo da minha dor. Hoje, ficaria feio esconder-me debaixo das mesas, mas sei que é um bom lugar para isso. Melhor do que a cama, onde devemos fazer outras coisas. A moça que chorava não se escondera, chorava de mansinho, na verdade nem parecia estar chorando. Devia apenas estar muito triste porque misturava todos os motivos para a sua tristeza.

(Carlos Heitor Cony, Folha de São Paulo, 04/05/2003)

Marque a única resposta correta de acordo com o texto.

12. No segundo parágrafo, o cronista ao voltar, pela memória, ao tempo de criança, fala da “inexpugnável barreira dos “não pode” que emparedam a infância...”. No texto, a ideia de emparedamento:

- a. permanece restringindo a liberdade das crianças.
- b. alcança, também, o cronista adulto, na manifestação de seus sentimentos.
- c. limita as ações dos adolescentes, como ocorreu com a moça de 15 anos.
- d. desaparece completamente da vida das pessoas.

13. Em qual dos fragmentos do texto, abaixo indicados, o cronista estabelece uma relação de comparação?

- a. “Não sendo poeta, encontrei não uma, mas infinitas pedras no meio do caminho, e não só no meio, mas no início e no fim de cada caminho.”
- b. “Um adulto chorando era incompreensível para mim, um acontecimento pasmoso, uma aberração da natureza, pois os adultos podiam tudo e tudo lhes era permitido.”
- c. “Mesmo assim fiquei imaginando a causa do seu pranto. Faltara à escola e por isso ficara sem sobremesa? Fora proibida de brincar na calçada?”
- d. “Hoje ficaria feio esconder-me debaixo das mesas, mas sei que é um bom lugar para isso. Melhor do que a cama onde devemos fazer outras coisas”.

13. “Eu mesmo, quando levo meus trancos repito o menino que ia para debaixo da mesa de jantar para poder chorar sem passar recibo da minha dor.” A expressão “passar recibo” pode ser substituída, sem prejuízo do sentido, por:

- a. disfarçar
- b. tornar pública
- c. me envergonhar
- d. mascarar

14. Em qual das alternativas, a vírgula foi empregada para separar expressões ou palavras que exercem a mesma função sintática?

- a. “O poeta encontrou uma pedra no meio do caminho, nunca esqueceu dessa pedra, que lhe deu assunto para o seu poema mais conhecido.”
- b. “Um adulto chorando era incompreensível para mim, um acontecimento pasmoso, uma aberração da natureza...”
- c. “Mesmo assim, fiquei imaginando a causa do seu pranto.”
- d. “Hoje, ficaria feio esconder-me debaixo das mesas, mas sei que é um bom lugar para isso.”

16. No parágrafo 6, o jogo verbal e a subjetividade do narrador exemplificam a seguinte função da linguagem:

- a. fática
- b. metalinguística

- c. conotativa
- d. poética.

17. Na frase “Vi muita gente chorando depois, homens feitos, mulheres maduras”, após usar uma palavra de sentido bastante extenso (gente), o cronista sentiu a necessidade de especificá-lo (homens feitos, mulheres maduras). Para isso valeu-se do recurso sintático chamado:

- a. adjunto adverbial
- b. adjunto adnominal
- c. aposto
- d. complemento nominal

Texto para as questões 18 a 20

O açúcar

O branco açúcar que adoçará meu café
nesta manhã de Ipanema
não foi produzido por mim
nem surgiu dentro do açucareiro por milagre.

Vejo-o puro
e afável ao paladar
como beijo de moça,
água na pele,
flor que se dissolve na boca.
Mas este açúcar
não foi feito por mim.

Este açúcar veio
da mercearia da esquina
e tampouco o fez o Oliveira,
dono da mercearia.
Este açúcar veio
de uma usina de açúcar em Pernambuco
ou no Estado do Rio
e tampouco o fez o dono da usina.

Este açúcar era cana
e veio dos canaviais extensos
que não nascem por acaso
no regaço do vale.

Em lugares distantes, onde não há
hospital nem escola,
homens que não sabem ler e morrem
aos vinte e sete anos
plantaram e colheram a cana
que viria a ser o açúcar.

Em usinas escuras, homens de vida amarga e dura
produziram este açúcar branco e puro
com que adoço meu café esta manhã em Ipanema.

Ferreira Gullar

18. Ferreira Gullar, autor do texto 3, é um poeta maranhense, engajado em causas militantes, e foi considerado, em 2014, imortal pela Academia Brasileira de Letras.

Este poeta insere-se como importante representante na literatura brasileira

- A) do pré-modernismo, marcado por problematizar a realidade social e cultural brasileira.
- B) da primeira fase do modernismo brasileiro, fortemente influenciado pelas vanguardas europeias.
- C) do movimento regionalista de 1930, influenciado pelo desgaste da política Café com Leite.
- D) do neoconcretismo, através da poesia que incorpora a temática social, ressaltando a palavra como o elemento mais expressivo.

19. Reconhecendo a relevância dos temas abordados por Gullar, em sua obra, atente para as seguintes afirmativas sobre o texto O Açúcar.

I. Faz uma reflexão sobre o trajeto do cultivo à comercialização do açúcar, apoiando-se nos antagonismos presentes da relação entre os envolvidos.

II. Centra-se no período da colonização, no Brasil, quando o açúcar era uma das bases da economia deste período.

III. Denuncia a exploração dos trabalhadores por aqueles que lucram com a comercialização do produto açúcar.

Estão corretas as assertivas contidas em

- A) I e II apenas.
- B) I e III apenas.
- C) II e III apenas.
- D) I, II e III.

Sabe-se que os gêneros textuais são constituídos também por sequências de textos que dependem do modo de organização linguística (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas, estilo etc.). Essas sequências ajudam a compreender qual a tipologia textual predominante em alguns gêneros, com a finalidade de auxiliar na produção, na circulação e na compreensão dos textos.

20. Assim, no poema O Açúcar, a tipologia textual predominante é

- A) a argumentação, porque o autor intenta construir argumentos a favor de uma revolução social.
- B) a injunção, porque apresenta orientação a(o) leitor(a) para que este(a) possa executar diferentes receitas com o uso do açúcar.
- C) a narração, porque, ao longo do texto, encontram-se os elementos personagens, tempo, espaço e ações desenvolvidas.
- D) a descrição, porque aparece uma exposição de detalhes das cenas para que o leitor crie uma imagem mental do consumo de açúcar.